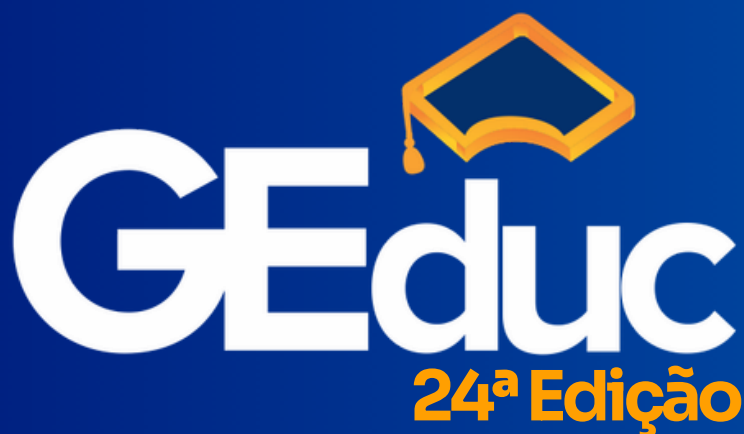


E-BOOK OFICIAL



Arquitetar Futuros:

EDUCAR, LIDERAR E TRANSFORMAR

**REFLEXÕES A PARTIR DOS
DEBATES QUE MARCARAM
O GEDUC 2026**

Realização:



Você está acessando o recorte dedicado à trilha “**Jornada de Inovação e IA**”, parte do e-book do GEduc 2026.

Este material reúne os principais pontos abordados nessa frente da programação, com reflexões, aprendizados e discussões que ajudam a aprofundar o olhar sobre o tema.

Para acompanhar a visão completa da edição, com os conteúdos das demais trilhas, fóruns e momentos que marcaram o congresso, acesse o e-book completo do GEduc 2026.

[CLIQUE AQUI E ACESSE](#)

Realização:



Sobre o GEduc



Reconhecido nacionalmente como o principal congresso de gestão educacional do Brasil, desde a sua 1ª edição, em 2003, o GEduc reúne os mais relevantes players da área para três dias de imersão que envolvem conteúdos de alto nível.

Ao longo de sua trajetória, o congresso se consolidou como um espaço de reflexão, atualização e conexão entre lideranças que atuam diretamente na construção dos rumos da educação brasileira. Em sua programação, são abordados temas estratégicos para escolas, instituições de ensino superior, mantenedores e gestores que buscam acompanhar as transformações do setor e tomar decisões cada vez mais alinhadas aos desafios contemporâneos.

Com palestrantes de renome, uma programação conectada às demandas reais e discussões voltadas aos desafios da gestão educacional, o GEduc se consolida como um encontro fundamental para gestores brasileiros que buscam atualização, visão estratégica e caminhos para fortalecer suas instituições.

Concomitante ao congresso, há uma Exposição com a participação de mais de 70 empresas que apresentam as últimas novidades em produtos e serviços educacionais.

Esse ambiente amplia a experiência dos participantes ao aproximar instituições de ensino de soluções, tecnologias e serviços que contribuem para a inovação, a eficiência da gestão e o fortalecimento das práticas educacionais.

O evento é promovido pela HUMUS, empresa que realiza capacitações para gestores de universidades e escolas, além de possuir soluções em consultoria e seleção de profissionais, serviços também exclusivos para o segmento educacional.

Com uma atuação dedicada ao desenvolvimento da gestão educacional, a HUMUS promove iniciativas que aproximam conhecimento, prática e especialistas do setor, contribuindo para a formação de líderes mais preparados para os desafios da educação.

Organizadoras



Beatriz Fernandes

Publicitária, atua na área de comunicação e eventos da Humus Educação, diagramadora deste e-book.



Sonia Simões Colombo

Head de Conteúdo do GEduc. CEO da Humus e Presidente do Instituto ELA Educadoras do Brasil



Thalita Chrispim

Conselheira consultiva da área de Inteligência de Mercado do GEduc. Sócia e Gerente de Operações e Relacionamentos da Humus Educação.

Educadores Autores



Aparecida do Carmo Frigeri Berhior

Consultora associada da HUMUS para Gestão Acadêmica. Doutora e mestre em Letras, com mais de 20 anos de experiência na gestão e docência no ensino superior. Atua na implementação de matrizes de referência de currículos e avaliação por competências; gestão e processos acadêmicos; capacitação de docentes.



Adriano Thomaz

Gerente Executivo na UniSoma, Especialista em advanced analytics e modelagem matemática, lidera equipes multidisciplinares no desenvolvimento de algoritmos e soluções inteligentes para o setor educacional. Matemático de formação, com Doutorado em Engenharia Elétrica pela Unicamp e Pós-doutorado no Canadá, combina rigor técnico com experiência executiva. Atuou em projetos de otimização no planejamento acadêmico integrado, de ofertas e alocação de recursos, de inteligência acadêmica e de gestão institucional. Curador do podcast DeepTalks sobre IA.

Educadores Autores



Carla Peron

Formada em Administração pela Faculdades Associadas de SP, especialização em Marketing pela ESPM e MBA pelo Insper, Carla Peron é gestora da Mercare! Educação. Com mais de 30 anos de experiência no segmento educacional, atua em projetos de gestão de marca, comunicação integrada, reposicionamento e presença digital, contribuindo para que escolas fortaleçam sua identidade, comuniquem melhor seus diferenciais e ampliem sua relevância em um mercado cada vez mais competitivo.

Daniel Jaca

Formado em esporte, percebeu rapidamente que a atividade física era um caminho para o desenvolvimento socioemocional. Incomodado com o mundo, foi lá e tentou ajudar a melhorá-lo.

Denise Sawaia Tofik

Profissional com mais de 40 anos de experiência no ensino superior, com atuação em gestão acadêmica, docência e consultoria educacional. Especialista em regulação, qualidade e desenvolvimento institucional, com trajetória em posições de liderança e forte contribuição para a excelência e inovação na educação superior.

Fernanda Loyola

Mãe da Maria e da Leticia, e ama falar sobre relações humanas e os processos da maternagem na sociedade contemporânea. Olhar atento para o cuidado socioemocional dentro e fora da Electi.

Flávia Fernanda Costa

Doutora e mestre em Educação, com formação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e pela UFRGS, possui MBA em Gestão Educacional pela PUCRS e graduação em Pedagogia. Atua como Coordenadora Administrativa e Pedagógica do Ensino Médio no Colégio Israelita Brasileiro e é voluntária no Instituto ELA Educadoras do Brasil. Ao longo de sua trajetória, foi Pró-Reitora de Graduação da UCS, onde criou o Centro de Inovação e Tecnologias Educacionais (CINTED), além de atuar em gestão acadêmica, docência no Ensino Superior e supervisão na Educação Básica. Foi avaliadora do MEC e possui certificação internacional Finlandesa - Innopeda Trainer, com atuação em iniciativas de inovação educacional e liderança feminina.

Educadores Autores



Hélder Pereira

Educador e especialista em inovação na aprendizagem, com mais de 20 anos de experiência no desenho e implementação de projetos educacionais. Sua atuação concentra-se em transformar o uso da tecnologia em experiências de aprendizagem com propósito e impacto real.



Imaculada Conceição Braga Campos

Mora em Belo Horizonte, Professora, Psicóloga, Pós graduada em Psicopedagogia Institucional, Especialista em Saúde Mental nas práticas Contemporâneas, Mestranda em Neuropsicologia. Possui sólida experiência na área da Educação e na Saúde Mental Clínica e Institucional. Atualmente trabalha com a Meta-Morfose Saúde Mental Preventiva para escolas e empresas, além de formação de equipes pedagógicas. Voluntária no Instituto ELA Educadoras do Brasil e na SWE (Society Women's Engineer's do Brasil).



Luciane Pereira

Enfermeira, mestre e doutora em Gestão e Saúde pela USP, com mais de 30 anos de atuação na Educação Superior. Iniciou sua trajetória como docente na USP e, desde então, ocupou posições estratégicas como coordenadora, diretora de pós-graduação, pró-reitora acadêmica, vice-reitora e reitora em grandes universidades. Com especializações em Gestão Hospitalar pela FGV e em Neurociência e Psicologia Positiva pela PUC, tem como foco a liderança de projetos acadêmicos inovadores, o desenvolvimento de equipes de alta performance voltadas à aprendizagem significativa, à sustentabilidade e à entrega de resultados. Atualmente, coordena projetos no processo de implantação da Faculdade BP.



Mirella Scorza

Formada em Comunicação pela FAAP, com pós-graduação em Marketing pela ESPM, MBA em Administração pela FIA/USP e extensões em Comunicação Corporativa pela FGV e Marketing Digital pelo Insper, Mirella Scorza é gestora da Mercare! Educação. Com mais de 30 anos de experiência, atua com foco em marketing estratégico, comunicação integrada, experiência do cliente, relacionamento e valorização de equipes, apoiando instituições de ensino na construção de posicionamentos mais claros, consistentes e sustentáveis.



Rui Fava

Com trajetória consolidada na gestão educacional, acadêmica e operacional, atua na construção de modelos e estratégias que conectam eficiência, qualidade e performance institucional. Sua experiência reúne planejamento estratégico, gestão de indicadores, desenvolvimento de equipes e implantação de projetos voltados à evolução das instituições de ensino. É doutor em Ciências da Educação, com formação também em Administração, Ciências Contábeis e MBA Executivo.

Educadores Autores



Sami Elia

Encontrou na escalada uma forma de viver suas paixões por esportes e pela natureza. Formado em administração, trabalhou como executivo no Citibank em diversas áreas, principalmente com planejamento estratégico. Guiado por sua paixão por iniciativas sociais, foi voluntário em diversos projetos sociais de educação que culminaram em uma transição de carreira para o segmento da educação socioemocional. Sócio Electi Educacional.



Futuros Educadores

Andressa Caroline Wendt da Cruz

Estudante do 7º Semestre do curso de Licenciatura em História na FMU



Francislene de Araujo Cordeiro Diogo

Estudante do 5º Semestre do curso de Licenciatura em História na FMU



Naxiane dos Santos da Silva

Estudante do 2º Semestre do curso de Pedagogia na FMU



Paloma Fregonesi Benedet

Estudante do 7º Semestre do curso de Pedagogia na FMU



Inovação e Inteligência Artificial na Educação:

hiperpersonalização, competências humanas e transformação institucional

Rui Fava e Flávia Fernanda Costa

Apresentação

A inteligência artificial permeou praticamente todas as palestras do GEduc 2026. Cada especialista trazia perspectivas e ênfases distintas, mas todos convergiam para um mesmo diagnóstico: a tecnologia, o aperfeiçoamento da inteligência artificial e a disseminação da IA generativa estão transformando todos os setores da sociedade e a educação não é exceção. Mais do que realizar tarefas, a IA remolda o modo como humanos se comportam, aprendem, criam, inovam e se relacionam, exigindo inéditas competências de curadoria, pensamento crítico e discernimento ético.

A Jornada de Inovação e Inteligência Artificial do GEduc 2026, presidida por Janes Fidélis Tomelin, organizou esse debate em torno de uma provocação central: como as instituições educacionais devem responder, com intencionalidade e coerência, a uma transformação que não é apenas tecnológica, mas cultural e estrutural. Para situar a magnitude desse desafio, o Ir. Manuir Mentges recorreu a uma expressão do Papa Francisco: não vivemos apenas uma época de mudanças, mas uma mudança de época. A distinção importa. Épocas de mudança exigem adaptação de processos. Mudanças de época exigem revisão de pressupostos, culturas e modelos mentais.

Para situar essa transformação historicamente, a jornada propôs uma leitura evolutiva da relação entre educação e tecnologia em quatro movimentos. A Educação 1.0 foi caracterizada como modelo nivelador, centrado em metodologias padronizadas e transmissão homogênea do conhecimento. A Educação 2.0 introduziu a aprendizagem adaptativa, utilizando tecnologias para responder parcialmente às necessidades dos estudantes. A Educação 3.0 deslocou o foco para a personalização das trajetórias de aprendizagem. E a Educação 4.0 inaugura o paradigma da hiperpersonalização em que dados, contextos e inteligência artificial passam a mediar as experiências educativas de maneira dinâmica, individualizada e continuamente refinada.

Esse percurso histórico evidencia que a educação em massa, estruturada para ensinar a muitos como se fossem um só, tornou-se progressivamente ineficiente diante das novas exigências tecnológicas e humanas. O florescimento das máquinas inteligentes liberou o ser humano do trabalho repetitivo e exaustivo, mas impôs uma exigência inédita: que as atividades cerebrais empáticas, criativas, estratégicas, predominem sobre os manuais e operacionais. A escola que ainda prepara para o passado encontra-se, portanto, diante de um desafio existencial.



Inovação como cultura institucional: da ferramenta ao ecossistema

Uma das ideias centrais da jornada foi a necessidade de compreender inovação não como incorporação pontual de tecnologias, mas como cultura institucional e capacidade estratégica de responder, de maneira coerente, às transformações sociais, econômicas e tecnológicas do presente. Como sintetizou o Ir. Manuir Mentges, não basta utilizar a inteligência artificial é preciso integrá-la ao ecossistema cultural e aos valores das organizações educacionais.

Essa perspectiva foi ancorada em uma retrospectiva histórica da educação superior proposta pelo Ir. Manuir Mentges, que buscou o passado para pensar no futuro. Se a Universidade de Bolonha, em 1088, tinha como propósito primordial o ensino e a formação dos estudantes, o século XIX deslocou o eixo para a pesquisa científica movimento exemplificado pelo Modelo Humboldtiano, que introduziu a ideia de que a universidade não deveria apenas transmitir conhecimentos existentes, mas produzir novos. No final do século XX, com a tecnologia digital cognitiva ganhando força, a inovação passou a ser o propósito central, ampliando a relação entre universidade, governo, empresas e sociedade civil, perspectiva conhecida como quádrupla hélice do desenvolvimento.

Nesse cenário, os conceitos de mundo VUCA (Volátil, Incerto, Complexo e Ambíguo) e mundo BANI (Frágil, Ansioso, Não-linear e Incompreensível) foram mobilizados para explicar a crescente complexidade contemporânea. Instabilidade, ansiedade e não linearidade desafiam modelos tradicionais de gestão e exigem das instituições capacidade prospectiva, resiliência organizacional e revisão constante de seus processos. Um dos alertas mais concretos da jornada nessa direção foi a previsão de que, até 2030, a evasão no ensino superior tende a ser crescentemente motivada por questões de saúde emocional fenômeno diretamente relacionado à incapacidade das instituições de responder às transformações do presente com a velocidade e a profundidade necessárias.

A discussão sobre trabalhabilidade apareceu como um dos eixos mais relevantes dessa transformação. Mais do que preparar profissionais para funções estáveis, as instituições passam a ser desafiadas a desenvolver o que foi chamado de perfil nexialista - a capacidade de tomar boas decisões em meio a um volume kafkiano de informações, integrar conhecimentos de múltiplas origens e cumprir papéis cada vez mais humanos em um mundo crescentemente automatizado. Currículo, inovação, empreendedorismo, sustentabilidade, tecnologias emergentes e economia global deixam de ser temas periféricos e passam a integrar o núcleo estratégico da formação.

Competências híbridas

Um dos consensos mais evidentes da jornada foi a compreensão de que o futuro da educação e do trabalho não será definido pela oposição entre humanos e tecnologia, mas pela integração entre competências humanas e competências tecnológicas.





A noção de “hybrid skills” emergiu como uma das principais tendências contemporâneas, tema central do painel conduzido por Alan Jhones, Bruno Lyra e Guilherme Gourlat. Sob essa perspectiva, competências técnicas deixam de ser suficientes quando dissociadas de capacidades humanas essenciais: pensamento crítico, criatividade, comunicação, adaptabilidade e inteligência relacional. A essas, somam-se as “hybrid skills”, competências de transição que mobilizam simultaneamente habilidades socioemocionais e técnicas, permitindo que profissionais naveguem com competência entre o humano e o tecnológico.

"O futuro da educação não é humano ou tecnológico. É humano + tecnológico."

A alfabetização em inteligência artificial foi apresentada como dimensão estratégica dessa formação, compreendida não apenas como uso instrumental de ferramentas, mas como capacidade de entender fundamentos, interpretar dados, reconhecer vieses, experimentar possibilidades e tomar decisões críticas diante dos processos automatizados. O letramento digital, nesse sentido, é muito mais amplo do que saber pedir para a IA redigir um texto ou elaborar uma imagem: envolve componentes conceituais, procedimentais, atitudinais e éticos que empoderam o indivíduo a participar e se comunicar com eficiência em um mundo crescentemente complexo.

Os debates reforçaram que determinadas dimensões da experiência humana permanecem profundamente insubstituíveis: empatia, escuta, negociação, construção de confiança, mediação de conflitos, sustentação emocional e, talvez o mais importante, a capacidade de despertar no estudante o mais duradouro dos aprendizados: o de aprender a aprender. Isso nenhum agente de IA consegue fazer. A provocação que atravessou a jornada foi contundente: se amanhã a inteligência artificial souber fazer quase tudo, o que continuará sendo profundamente humano na escola?

A resposta construída coletivamente aponta para a centralidade das relações humanas, da ética, da criatividade e da capacidade de produzir pertencimento em ambientes educacionais cada vez mais mediados por tecnologias inteligentes. Como alertaram Alan Jhones, Bruno Lyra e Guilherme Gourlat, velocidade sem reflexão causa colisão: a aceleração tecnológica, quando dissociada de análise crítica e intencionalidade pedagógica, pode produzir automatização acrítica, superficialidade decisória e ampliação de desigualdades.

IA Generativa e IA Agêntica: da personalização à hiperpersonalização

A jornada avançou a discussão sobre inteligência artificial para além do uso instrumental, propondo uma distinção conceitual fundamental entre dois estágios tecnológicos com implicações pedagógicas muito diferentes: a IA Generativa e a IA Agêntica.

A IA Generativa, já amplamente incorporada por professores e estudantes, responde às incertezas e perguntas do usuário, apoia o planejamento pedagógico e gera conteúdo sob demanda. Dados apresentados na jornada ilustram sua penetração: o Brasil apresenta um índice de uso de IA por professores 20% acima da média da OCDE, e 6 a cada 10 docentes já utilizam inteligência artificial para planejamento. Ao mesmo tempo, 20% dos professores que ainda não usam IA relatam sobrecarga de trabalho, dado que sugere uma correlação relevante entre adoção tecnológica e percepção de sustentabilidade profissional.

A IA Agêntica representa uma evolução significativa: trata-se de sistemas que reúnem a versatilidade dos grandes modelos de linguagem e a precisão da programação tradicional, capazes de atingir objetivos específicos com mínima supervisão humana. Diferentemente da IA Generativa, a IA Agêntica não apenas responde, ela analisa o contexto do estudante, descobre lacunas, decide a trilha de aprendizagem mais adequada, planeja e executa tarefas complexas, aprendendo progressivamente com cada interação. Analisa o desempenho em tempo real e decide autonomamente se o estudante deve avançar ou revisar conceitos, sem que o professor precise intervir em cada etapa.

IA Generativa	IA Agêntica
Responde às incertezas e perguntas do estudante	Analisa o contexto, descobre lacunas e define estratégias de aprendizagem
Depende da ação e do comando humano	Age proativamente, com autonomia crescente
Gera conteúdo e respostas sob demanda	Decide trilhas, planeja e executa tarefas complexas com mínima supervisão
Apoia o professor em funções cotidianas	Atua como copiloto contínuo do processo instrucional

Tabela: comparativo entre IA Generativa e IA Agêntica - características, autonomia e papel no processo instrucional

Esse avanço tecnológico torna possível a transição do ensino personalizado em que um professor adapta parcialmente o ritmo e o conteúdo para cada estudante para a hiperpersonalização, em que cada discente, auxiliado por agentes de IA, assimila de acordo com seu perfil, suas lacunas, suas necessidades e seus objetivos. A lógica do ensino em massa, que ensinava a muitos como se fossem um só, cede progressivamente espaço a um novo paradigma viabilizado por essa capacidade tecnológica.



Em nenhum momento, entretanto, é factível afirmar que a inteligência artificial irá substituir o professor. Os docentes seguem como protagonistas das principais decisões instrucionais, da curadoria de conteúdos, da garantia da qualidade do processo educativo e do uso ético das tecnologias. São eles que definem os propósitos formativos, constroem os vínculos que sustentam a aprendizagem, interpretam o que os dados não conseguem capturar e respondem com sensibilidade humana às necessidades de cada estudante.

"A inteligência artificial é meio, não fim.
Apoia o professor em funções cotidianas,
mas não substitui o pensamento pedagógico
nem o relacionamento humano."

A IA Agêntica se comporta como um copiloto sofisticado, autônomo e continuamente adaptável, mas é o professor quem dá direção à jornada, quem decide o que vale a pena aprender e quem desperta no estudante o mais duradouro dos aprendizados: o de aprender a aprender. Isso nenhum agente de IA consegue fazer.

IA como parceira do professor: intenção pedagógica antes de qualquer ferramenta

Se a distinção entre IA Generativa e IA Agêntica ajuda a compreender o que a tecnologia pode fazer, a questão pedagógica mais urgente é outra: como o professor deve se relacionar com ela? Essa foi a provocação central do painel conduzido por André Godoi e Breno Heleno, dedicado ao uso da IA como parceira do professor na personalização da aprendizagem e no redesenho da experiência do estudante.

O ponto de partida foi um alerta direto de André Godoi: a IA não exige pressa, mas requer intenção pedagógica. Incorporar a inteligência artificial sem clareza sobre os objetivos de aprendizagem, sem compreensão dos seus limites e sem atenção às dimensões éticas do processo é substituir um problema por outro, trocando a rigidez do ensino padronizado pela superficialidade da automação acrítica. Quando bem orientado, o estudante passa a usar a IA como recurso de investigação, e não como fonte pronta de respostas. Quando mal orientado, o mesmo dispositivo que poderia servir ao aprendizado serve apenas ao entretenimento imediato.



O debate sobre tecnologia educacional, portanto, precisa ir além da pergunta "qual ferramenta usar" e alcançar questões mais exigentes: com qual intencionalidade? A serviço de qual projeto formativo? Com quais impactos sobre a aprendizagem e as relações humanas? A renovação conceitual, rever como se compreende o papel da tecnologia no processo educativo, precisa anteceder a renovação metodológica e a adoção de práticas inovadoras. Sem essa sequência, corre-se o risco de multiplicar ferramentas sem transformar a educação.

O debate também evidenciou que a IA na educação não pode ser compreendida exclusivamente sob a lógica da produtividade ou da redução de esforço. O risco de adotar a inteligência artificial apenas para diminuir o trabalho do professor e não para qualificar o aprendizado do estudante é real e precisa ser nomeado. Tecnologia que poupa tempo sem enriquecer a experiência educativa é automação, não inovação. E automação, quando aplicada sem critério pedagógico, tende a empobrecer justamente o que é mais valioso na educação: o vínculo, a escuta e o desenvolvimento do pensamento.

Modelos acadêmicos do amanhã: do diploma linear às trajetórias adaptáveis

Uma das transformações mais estruturais discutidas na jornada diz respeito aos próprios modelos acadêmicos, tema da palestra de Fábio Righetto. O diploma único, linear e fechado estrutura que organizou a educação superior por mais de um século, perde espaço para trajetórias formativas adaptáveis, que combinam graduação, microcredenciais e certificações intermediárias. Essa transição não é apenas uma tendência de mercado: é uma resposta às novas demandas de aprendizagem ao longo da vida em um mundo no qual as competências exigidas se renovam em ritmo acelerado.

O modelo baseado em microcredenciais desloca o foco da obtenção de um título para a formação contínua, considerando o estudante no centro das decisões sobre seus percursos de acordo com seus interesses, habilidades e necessidades. As estruturas curriculares rígidas e de longa duração cedem espaço a arquiteturas educacionais ágeis, modulares e orientadas por competências específicas, capazes de gerar certificações de rápida absorção e reconhecimento pelo mercado de trabalho. Os dados reforçam essa lógica: 96% dos empregadores acreditam que microcredenciais fortalecem a candidatura, e profissionais com essas certificações têm 27% mais chances de promoção.

Esse movimento impõe desafios concretos à gestão institucional. Currículos que visam ao passado, em um contexto de mudança de época, produzem perturbação psicológica, desengajamento e evasão. A avaliação também precisa ser repensada: a competência das IAs em gerar produtos acadêmicos finais com alta precisão torna obsoletos os métodos avaliativos puramente somativos. A tendência aponta para



avaliações formativas centradas no processo, em defesas orais, projetos aplicados, aprendizagem baseada em problemas e engenharia de prompts, nas quais o percurso cognitivo percorrido pelo estudante é o verdadeiro objeto de mensuração.

O letramento digital, discutido ao longo de toda a jornada e aprofundado por Fábio Righetto, assume aqui um papel curricular explícito. Não se trata apenas de ensinar a usar ferramentas, mas de compreender minimamente como a inteligência artificial funciona, seus limites e seus vieses. Surge de múltiplas habilidades práticas integradas — conceituais, procedimentais, atitudinais e éticas — que empoderam o indivíduo a participar e se comunicar com mais eficiência em um mundo crescentemente complexo. Integrar esse letramento ao currículo, de forma transversal e intencional, torna-se uma das responsabilidades mais urgentes dos modelos acadêmicos do amanhã.

Inovação, dados e a cultura institucional do cuidado

A jornada também ampliou o debate sobre inovação ao relacionar inteligência artificial, análise de dados e cultura institucional do cuidado. O uso estratégico de dados passa a impactar não apenas processos acadêmicos, mas também políticas de permanência, segurança escolar, prevenção e acompanhamento institucional, deslocando o foco da reação para a antecipação.

A análise preditiva foi apresentada como ferramenta capaz de ampliar significativamente a capacidade preventiva das instituições educacionais. O monitoramento inteligente de indicadores relacionados à frequência, desempenho, comportamento, engajamento e permanência permite identificar vulnerabilidades antes que se tornem crises. Foi o que evidenciou o painel conduzido por Marcos S. Ribeiro, Alessandro Sállowicz, Marcos Yagima e Sidney Roberto Duarte: segurança escolar, saúde emocional, acompanhamento pedagógico e permanência deixam de operar como setores isolados e passam a integrar uma lógica sistêmica de cuidado institucional, sustentada por dados, acompanhamento contínuo e fortalecimento das relações humanas.

Inovação e tecnologia, portanto, compõem a cultura do cuidado não são alternativas a ela. A segurança escolar deixa de ser compreendida exclusivamente sob uma lógica reativa ou operacional e passa a integrar uma perspectiva mais ampla de prevenção e sustentação de ambientes educacionais seguros e emocionalmente estáveis. O uso ético dos dados é condição inegociável nesse processo: coletar informações sem governança, transparência e responsabilidade pode produzir efeitos opostos aos desejados, fragilizando a confiança institucional e reduzindo a experiência educacional à lógica do controle.

ANÁLISE PREDITIVA APLICADA À PERMANÊNCIA

Da informação à ação: dados que antecipam, cuidado que transforma trajetórias



Do básico ao significativo: o que a escola oferece que nenhuma máquina pode entregar

As discussões finais da jornada deslocaram o debate tecnológico para uma reflexão mais profunda sobre o sentido da educação em um contexto de automação crescente. A provocação foi direta: você está atuando com a mesma mentalidade de sempre? Quais indicadores e métricas orientam suas decisões? Você tem certeza de que não está apenas repetindo o passado com ferramentas mais sofisticadas?

“Não existe mentalidade de crescimento com rotinas velhas” - foi com essa afirmação que Renata Gazzinelli abriu sua palestra. Vivemos em um contexto cada vez mais digital e cognitivo, de modo que o amanhã será completamente distinto do presente. É preciso aprender a ler e a interpretar tanto as mudanças quanto as circunstâncias, adaptando-se com agilidade sob pena de tornar-se obsoleto. O conceito de destruição criativa, formulado por Joseph Schumpeter, ilumina esse processo: é no rápido desaparecimento do obsoleto que as sementes da inovação se plantam.

Nesse cenário, a questão central levantada por Renata Gazzinelli ressoa com força especial para os gestores educacionais: precisamos de pessoas para preencher vagas ou de pessoas com habilidades para transformar realidades? A distinção reorganiza a própria concepção de formação. Em um mundo no qual máquinas executam progressivamente tarefas técnicas e operacionais, a educação passa a ser desafiada a cultivar mentalidades capazes de inovar, criar, coexistir de modo ético e construir sentido em meio à complexidade. Porque nenhuma máquina engaja, conduz conversas difíceis, influencia, inspira confiança, negocia, sente e compreende angústias humanas.

Tendências, Convergências e Alertas

As discussões da jornada evidenciaram a consolidação da inteligência artificial como dimensão estrutural da educação contemporânea. A IA deixa de ocupar posição periférica ou experimental e passa a integrar processos de aprendizagem, gestão acadêmica, acompanhamento estudantil, planejamento pedagógico, permanência e tomada de decisão institucional. Para líderes educacionais, a IA deixou de ser uma escolha a ser feita e passou a ser uma realidade a ser orientada com intencionalidade clara, a serviço de um projeto formativo definido e com salvaguardas éticas inegociáveis.

A hiperpersonalização da aprendizagem emergiu como a tendência mais estruturante. A transição da IA Generativa para a IA Agêntica aponta para um cenário em que percursos formativos se tornarão progressivamente mais flexíveis, adaptativos e orientados por dados, tornando insustentável o modelo de ensino padronizado que ainda organiza grande parte das instituições. Em paralelo, a transformação dos modelos acadêmicos com a consolidação das microcredenciais, das trilhas modulares e da aprendizagem ao longo da vida, redesenha a própria arquitetura da formação superior. O diploma como ponto de chegada cede espaço para a formação como processo contínuo.

A centralidade das competências humanas em um ambiente crescentemente automatizado foi outro ponto de forte convergência. Pensamento crítico, criatividade, empatia, ética e construção de vínculos tornam-se ainda mais estratégicos, não apesar da tecnologia, mas por causa dela. Como destacou Ana Carolina de Castro Rodrigues, a intenção pedagógica aparece como o fio condutor de qualquer incorporação tecnológica consistente: não basta saber usar a IA; é preciso saber para que usá-la e o que se pretende preservar como insubstituivelmente humano.

Entre os alertas mais relevantes, destacou-se o risco da adoção acrítica da inteligência artificial, orientada exclusivamente por produtividade, aceleração ou automação. Tecnologia não produz transformação educacional por si só. Sem intencionalidade pedagógica, governança institucional e clareza ética, a incorporação tecnológica pode ampliar desigualdades, fragilizar relações educativas e reduzir experiências formativas à lógica da eficiência operacional. O dado de que 20% dos professores que ainda não usam IA relatam sobrecarga também revela um risco institucional concreto: a exclusão tecnológica docente pode comprometer a qualidade do processo instrucional que a IA deveria justamente apoiar.

Inovação e IA como Pauta de Líderes Educacionais: Caminhos Práticos e Prioritários

A principal implicação da jornada para os líderes educacionais talvez seja a mais desafiadora: inovação deixou de ser pauta restrita aos setores de tecnologia e passou a impactar transversalmente todas as dimensões da gestão: currículo, permanência, experiência do estudante, planejamento acadêmico, formação docente, segurança



institucional e análise de dados. Instituições que tratam a inteligência artificial como assunto de TI já partem de um diagnóstico equivocado da transformação em curso.

O que está em jogo não é uma atualização de ferramentas, mas a construção de um ciclo estratégico de transformação contínuo, integrado e centrado na centralidade humana. Quatro movimentos concretos emergem do conjunto das discussões, e sua força reside justamente na interdependência: cada um sustenta e potencializa os demais.

A - Definição de princípios éticos e diretrizes claras para o uso responsável da inteligência artificial, estabelecendo governança, transparência e proteção de dados. Mais do que isso: alinhar a IA ao planejamento estratégico e à missão institucional, garantindo equidade, inclusão e acessibilidade em sua adoção. Política institucional não é proibição nem permissão irrestrita é intencionalidade coletiva traduzida em processos que orientam toda a organização.

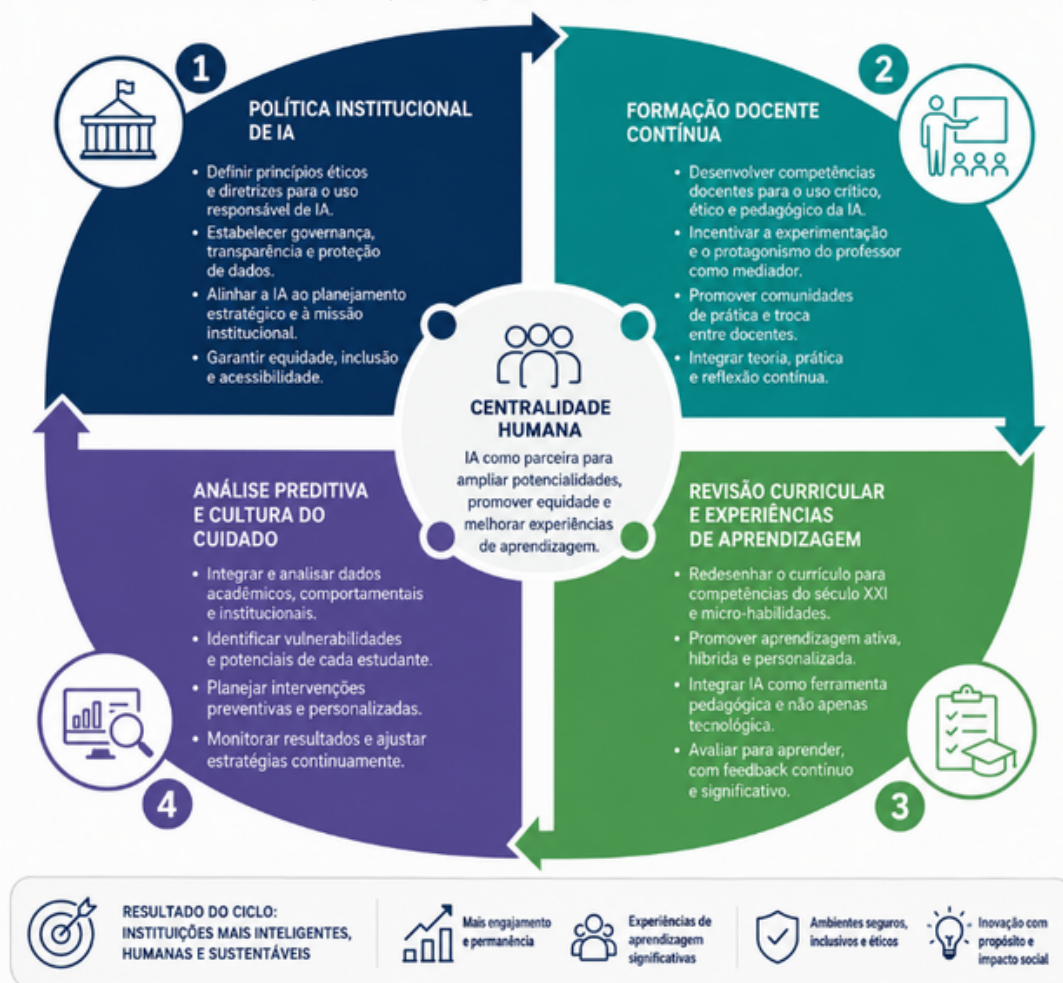
B - Formação docente contínua, para o desenvolvimento de competências para o uso crítico, ético e pedagógico da IA e não apenas o domínio técnico de plataformas. Isso implica incentivar a experimentação, fortalecer o protagonismo do docente como mediador, promover comunidades de prática e troca entre professores e integrar teoria, prática e reflexão contínua. Professores que não se desenvolvem nessa direção não serão substituídos pela IA, mas poderão ser preteridos por professores que souberem trabalhar com ela.

C - Revisão curricular e experiências de aprendizagem. Um currículo relevante equilibra pensamento científico, habilidades técnicas, formação humana e leitura de mundo, dimensões que, juntas, preparam o estudante não apenas para o mundo do trabalho, mas para a vida. Isso implica redesenhar o currículo para as competências do século XXI, incorporar microcredenciais, trilhas modulares e avaliações formativas, promover aprendizagem ativa, híbrida e personalizada e integrar a IA como ferramenta pedagógica e não apenas tecnológica. Currículos desconectados das exigências da vida contemporânea falham em sua função mais básica: dar sentido à experiência de aprender. Em um contexto de mudança de época, essa desconexão não é apenas uma lacuna pedagógica, ela se traduz em desengajamento, sofrimento psicológico e evasão.

D - Implementação de práticas de análise preditiva e cultura do cuidado, integrando e analisando dados acadêmicos, comportamentais e institucionais para identificar vulnerabilidades e potenciais de cada estudante, a fim de planejar intervenções preventivas e personalizadas e monitorar resultados continuamente. Esse movimento desloca o foco institucional da reação para a antecipação, construindo uma cultura do cuidado sustentada por dados e não apenas por intenção.

CICLO ESTRATÉGICO DE TRANSFORMAÇÃO COM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO

Quatro movimentos práticos para uma gestão educacional inovadora e centrada no ser humano



Um ciclo contínuo de estratégia, formação, inovação e cuidado para transformar a educação com inteligência artificial.

Esses quatro movimentos, integrados de forma sistêmica, impulsionam uma verdadeira transformação institucional: ao alinhar políticas, formação, currículo e análise preditiva, as escolas tornam-se ambientes mais humanos, equitativos e preparados para o futuro, onde o cuidado, a aprendizagem e a inovação andam lado a lado.

Por fim, os debates evidenciaram a necessidade de revisão dos próprios indicadores institucionais. Em um contexto de transformação acelerada, métricas exclusivamente quantitativas tornam-se insuficientes. A instituição que ainda mede apenas o que é fácil de medir tende a gerir apenas o que já está obsoleto.

Superpoderes - Impacto da Autenticidade

A Jornada de Inovação e IA do GEduc 2026 encerrou com uma palestra show de Rafael Cortez que, mais do que entreter, provocou: autenticidade não é espontaneidade sem filtro, mas a capacidade de agir de acordo com valores, crenças e sentimentos reais, com consciência e responsabilidade. Para Cortez, ser autêntico exige coragem para revelar o que se tem de melhor, comunicar-se para além dos algoritmos e colocar mais humanidade nas relações. No contexto educacional, essa provocação tem um endereço preciso: gestores e líderes que, diante de uma mudança de época, precisam compreender que tecnologia, dados e inovação só produzem impacto real quando estão conectados a propósito, verdade, escuta e presença humana.

O que a jornada evidenciou, com clareza e sem romantismo, é que essa transformação não ocorre de forma isolada: as inovações se enredam, amplificam e aceleram mutuamente. Compreender esse cenário não é tarefa para gestores avessos à complexidade, é tarefa para líderes capazes de pensar o que ainda não foi pensado, planejar o futuro sem reproduzir o passado e mobilizar suas instituições para voar em um céu nublado de dados e incertezas.

A inteligência artificial modifica a velocidade do mundo. Mas continua sendo responsabilidade das instituições educacionais decidir a direção. E o legado mais duradouro desta jornada talvez seja justamente esse: a lembrança de que uma atitude ganha o adjetivo de transformadora quando impacta positivamente a vida das pessoas envolvidas e que isso, nenhuma máquina faz sozinha.





Um quarto de século desenhando o futuro da educação.

O GEduc 2026 foi uma edição marcada por dias intensos de troca, reflexão e conexão entre lideranças comprometidas com o futuro da educação. Cada debate, encontro e experiência reafirmou a força de um congresso que acompanha, há mais de duas décadas, as transformações da gestão educacional no Brasil.

Com o encerramento deste ciclo, abrimos caminho para um marco histórico: em 2027, o GEduc completa 25 anos.

Será o Jubileu de Prata do principal congresso de gestão educacional do país, uma edição comemorativa que celebrará a trajetória construída até aqui e apontará para os próximos caminhos da educação.

Estamos preparando uma experiência especial, em que tradição, inovação, liderança e futuro se encontram para marcar a história do GEduc e de todos que fazem parte dela.

Prepare-se para viver uma edição histórica.

Garanta sua participação no GEduc 25 anos com
25% de desconto utilizando o cupom **"EBOOK25"**

[CLIQUE AQUI E INSCREVA-SE](#)